

O ESTUDO DA FILOSOFIA DA PRIMEIRA ESCOLÁSTICA E SUAS RESSONÂNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE E NO ENSINO

EL ESTUDIO DE LA FILOSOFÍA ESCOLÁSTICA TEMPRANA Y SUS RESONANCIAS EN LA ÉPOCA CONTEMPORÁNEA Y EN LA ENSEÑANZA

THE STUDY OF EARLY SCHOLASTIC PHILOSOPHY AND ITS RESONANCES IN CONTEMPORARY TIMES AND IN TEACHING

Recebido em: 08/10/2024

Aceito em: 20/11/2024

Publicado em: 28/12/2024

Dirceu Arno Krüger Junior¹
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta didática destinada à análise dos pressupostos relacionados à Filosofia da Primeira Escolástica, delimitada a partir dos séculos IX e XII, e suas ressonâncias no núcleo da Contemporaneidade. O presente estudo é direcionado a um ensejo de percepção de uma estratégia de aprendizado em sala de aula, no que a Primeira Escolástica é estabelecida de modo a definir um marco histórico e filosófico capaz de catalisar a compreensão de determinados meandros da tradição filosófica, especificamente a de cunho medieval. Por conseguinte, este artigo sugere um conjunto de componentes os quais podem amparar o professor no cerne da sala de aula, em que poderá desenvolver aspectos epistemológicos, críticos e discursivos junto ao corpo discente.

Palavras-chave: Filosofia; Primeira Escolástica; Contemporaneidade; Ensino; Aprendizado.

Resumen: Este trabajo presenta una propuesta didáctica encaminada a analizar los presupuestos relacionados con la Filosofía de la Primera Escolástica, delimitada entre los siglos IX y XII, y sus resonancias en el seno de la época contemporánea. El presente estudio tiene como objetivo una oportunidad para percibir una estrategia de aprendizaje en el aula, en el que se establece la Primera Escolástica con el fin de definir un marco histórico y filosófico capaz de catalizar la comprensión de ciertas complejidades de la tradición filosófica, específicamente el período medieval. Por lo tanto, este artículo sugiere un conjunto de componentes que pueden apoyar al docente en el centro del aula, en el que se pueden desarrollar aspectos epistemológicos, críticos y discursivos con el estudiantado.

Palabras-chaves: Filosofía; Primeira Escolástica; Época Contemporánea; Enseñanza; Aprendizaje.

Abstract: This work presents a didactic proposal aimed at analyzing the assumptions related to the Philosophy of First Scholasticism, delimited from the 9th and 12th centuries, and its resonances in the core of Contemporary. The present study is aimed at an opportunity to perceive a learning strategy in the classroom, in which First Scholasticism is established in order to define a historical and philosophical framework capable of catalyzing the understanding of certain intricacies of the philosophical tradition, specifically the medieval one. Therefore, this article suggests a set of components that can support the teacher at the heart of the classroom, in which you can develop epistemological, critical and discursive aspects with the student body.

Keywords: Philosophy; First Scholasticism; Contemporary; Teaching; Apprenticeship.

¹ Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: dirceu.kruger.jr@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A Filosofia tem como premissa maior a possibilidade de articulação de um exercício crítico e contundente, no sentido de constituição de um debate acerca das problemáticas concernentes à produção do conhecimento e ao estatuto do indivíduo no mundo. A compreensão estabelece uma das primeiras balizas intelectuais no que tange à tentativa de apreensão do conhecimento e de sua problematização. A Filosofia Medieval, precisamente com o surgimento da Primeira Escolástica (entre os séculos IX e XII) pode contribuir quanto ao ensejo de se refletir acerca de questões norteadoras do período em análise como: a fé, a razão, o pecado, a liberdade e a constituição ética do sujeito.

As dificuldades vinculadas a este projeto se intensificam quando o conteúdo precisa ser delimitado e os autores, que serão escolhidos para compor o panteão de filósofos basilares, os quais permitirão a investigação e a percepção dos conceitos passíveis de exame. A Primeira Escolástica proporciona um vislumbre das rupturas que foram realizadas pelos pensadores do recorte histórico com a Patrística, segmento o qual prepondera a razão e subalternização da Filosofia aos meandros de engendramento e de interpretação da fé e da religião. O grande mote perpetrado pelos escolásticos da primeira linha temporal é justamente equiparar fé e razão e, a partir deste intuito, designar a instituição de sistemas filosóficos amplamente baseados no “espírito do tempo” da ocasião e incorporar um novo frescor epistemológico aos estudos da época.

A oportunidade de superação de determinados preconceitos, como um dos pilares da Filosofia, também se concentra no ensaio de desbaratamento de determinadas premissas e de uma obscuridade que poderiam obnubilar o entendimento do pensamento medieval, vasto em sua magnitude teórica, com uma visão contemporânea e um rejuvenescimento dos juízos emitidos sobre a construção das narrativas que permearam (e permeiam) o corolário teórico da Medievalidade. Pois: “A experiência filosófica é a experiência de fazer filosofia” (GALLO; ASPIS, 2009, p. 17).

OS DESDOBRAMENTOS

O risco de se incorrer em um anacronismo analítico ao se abordar uma fração histórica, como a do Período Medieval, e eivá-la de pressupostos epistemológicos contemporâneos, é iminente. Uma estratégia de atuação é tentar comparar os diversos eixos teóricos que representaram o período. A título de exemplificação, a cisão entre a Patrística e a Escolástica, ou a distinção entre as posturas intelectuais entre os filósofos da Primeira Escolástica e da

Segunda Escolástica, caracteriza um dos primeiros pontos catalisadores para trazer a baila o conteúdo que se intenta trabalhar em sala de aula.

Relacionar os marcos históricos e denotar as principais diferenças entre conceitos primais (os contrastes entre fé e razão) são modos de introdução dessas temáticas pujantes em argumentos abstratos, que necessitam de um suporte decididamente objetivo. Como assinalam Sílvio Gallo e Renata Aspis em seu livro *Ensinar Filosofia* (2009) [2009, p. 86]: “o norte é a criação de conceitos, o objetivo é a experiência filosófica, as direções a serem tomadas para isto são a leitura de textos filosóficos, a história da filosofia e a escrita filosófica.” Os dissensos largamente produzidos pela Filosofia contribuem para o enriquecimento das ponderações no que é alusivo à dimensão dos conceitos, e à sobrevivência destes às provas recorrentes do tempo.

O rompimento entre o Cristianismo Primitivo e o Cristiano Tardio, um dos parâmetros de composição da Filosofia Medieval Patrística, contribui, em alguma medida, para suscitar reflexões correspondentes ao posterior surgimento da Escolástica. A fé e a atuação discricionária da Providência Divina são dois dos solos comuns que nivelam o pensamento, o comportamento e a manufatura do conhecimento empreendido no período. A retomada de autores exponenciais do período anterior, a Filosofia Antiga, como Platão e Aristóteles, também proporcionam um vislumbre das molduras epistemológicas dos autores da Medievalidade. Gerd Bornheim (1929-2002) redige em sua obra *Introdução ao Filosofar* (1961): “O filósofo não dá as costas ao fundamento da ação, à tese geral, mas a interroga” (BORNHEIM, 2009, p. 71). Recapitulando a cisão entre o Cristianismo Primitivo e o Cristianismo Tardio, como um provável prelúdio do edifício intelectual constitutivo da Filosofia Medieval, Michel Foucault (1926-1984), pelo professor e filósofo francês, afirma em *História da sexualidade, vol. IV: as confissões da carne*², um estudo dedicado ao exame da perspectiva do desejo, isto é, da carne na Crisandade dos primeiros séculos da atual era, que:

Foram os filósofos e os diretores cristãos, então, que formularam o regime dos *aphrodisia* (que recobre o Período da Antiguidade Clássica Greco-Romana), definido

² Trata-se de uma publicação póstuma de Foucault cuja divulgação ocorreu em fevereiro de 2018. *As confissões da carne*, o quarto volume do projeto empreitado pelo autor, iniciado em 1976, com o lançamento do primeiro volume de *História da Sexualidade, A vontade de saber*, é sucedido por mais dois volumes disponibilizados em 1984, o ano de sua morte. Sucessivamente, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*. *A vontade de saber* registra a investigação de Foucault no tocante ao surgimento da sexualidade, um dos parâmetros do desejo, na Modernidade e na Contemporaneidade, e a sua percepção relacionada à noção de poder (que embasaria a maior parte de sua produção intelectual e textual posteriormente). *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si* promovem uma elucidação pertinente aos *aphrodisia*, ou seja, “as práticas de Afrodite”, na segmentação histórica da Antiguidade Greco-Romana. *As confissões da carne*, o livro, é uma compilação do manuscrito deixado por Foucault, do referido trabalho, antes de seu falecimento, que foi organizada pelo professor e filósofo francês Frédéric Gros.

em função do casamento, da procriação, da desqualificação do prazer e de um laço de simpatia respeitosa e intensa entre os cônjuges; foi uma sociedade pagã que se deu a possibilidade de nele reconhecer uma regra de conduta aceitável por todos – o que não quer dizer, longe disso, efetivamente seguida por todos (FOUCAULT, 2020, p. 21).

A Primeira Escolástica, enquanto modelo, tem como ponto de ancoragem o neoplatonismo e o neoaristotelismo. Anselmo de Aosta (1033-1109), Pedro Abelardo (1079-1142) e Averróis (1126-1198) compõem parte do bastião de autores que vicejavam durante a Primeira Escolástica. Elencar um conceito, tal como a justiça, na perspectiva de Anselmo de Aosta, suporta a ideia de que a delimitação do tema e do autor direciona a atenção não apenas do professor, mas também do aluno, e permite uma percepção apurada e concisa do problema a ser desvelado em sala de aula. Em um outro prisma é possível analisar, comparativamente, a releitura que Averróis realizou ao esquadrihar a obra magna de Platão, *A República*, revisitando os traços teóricos familiares à ética e à política platônicas: “Averróis repete Platão ao afirmar que cada um deve possuir um único ofício a fim de que contribua individualmente com o que melhor sabe fazer para o melhor funcionamento do organismo social” (PEREIRA, 2007, p. 110).

As antíteses que integram os pensamentos dos filósofos, em seus variados contextos históricos, podem contribuir no que se refere ao ensejo de dotar a aula por meio de diferentes posicionamentos acerca do arranjo teórico de um respectivo autor. Por exemplo, no que vinculasse aos axiomas da ética anselmiana: “frente às recorrentes dificuldades de se chegar a uma conclusão sobre qual o estatuto da ética anselmiana, uma possibilidade de leitura seria tomá-la como deontológica, mas com elementos eudaimonistas (teleológicos)” (D’OCA, s/d, p. 7). A deontologia, em seu preâmbulo conceitual, trafega pela história da Filosofia inspirando, notoriamente, a ética de Immanuel Kant (1724-1804), filósofo do Período Moderno.

OS MEIOS

A escolha de textos filosóficos, na estruturação das aulas, é uma das formas de proporcionar o acesso dos alunos ao imaginário do autor investigado e de seus principais conceitos. Dada a amplitude de textos que pululam nos livros didáticos e em manuais para professores, selecionar o texto que orientará o estudo proposto pelo professor é uma deliberação exegética e de suma importância. Um dos métodos existentes é o de entremear algum texto elementar do filósofo que se pretende investigar, aliando esse inquérito aos comentários de algum autor especializado na obra do referido filósofo. É primordial, também, sumarizar os conceitos que serão desenvolvidos em sala de aula com os alunos. Em termos de apreensão

didática, a professora e filósofa Marilena Chauí, elucubra o cenário filosófico-medieval escrevendo acerca dele o seguinte:

Uma ideia era considerada uma tese verdadeira ou falsa dependendo da força e da qualidade dos argumentos encontrados nos vários autores. Por causa desse método de disputa, costuma-se dizer que, na Idade Média, o pensamento estava subordinado ao princípio da autoridade, isto é, uma ideia é considerada verdadeira se for baseada nos argumentos de uma autoridade reconhecida – Bíblia, Platão, Aristóteles, um papa, um santo (CHAUÍ, 2010, p. 53).

Retomar os marcos temporais da Patrística e da Escolástica assegura uma compreensão generalizada do período da História da Filosofia ressaltado. Partir do lastro conceitual fornecido pela historicidade manifesta-se como um modo de concatenar os ditames filosóficos com os atributos que o professor deseja articular em seu trabalho: examinar os conceitos filosóficos permeando-os de uma percepção contemporânea. A Filosofia Medieval, especialmente durante a Escolástica, permite a problematização das noções correspondentes à razão e à fé e às suas respectivas dualidades. Pode-se engendrar, então, o vislumbre fornecido pela História, tendo como baluarte os conceitos filosóficos pré-definidos (pelo professor), e que ilustrarão o mosaico teórico da aula. Como assinala Milton José de Almeida, professor do Departamento de Educação da UNICAMP:

Para os escolásticos, o intelecto volta-se sempre aos primeiros princípios, os fundamentos, o que está logicamente anterior a qualquer coisa. [...] O raciocínio escolástico é uma forma de poder político, científico, retórico, que parte da demonstração lógica, racional, estabelece verdades, ou uma verdade que conduz e coage as opiniões dissidentes, o pensamento histórico e complexo (ALMEIDA, 2005, p. 26-27).

O texto filosófico, portanto, deve permitir a interação entre professor e aluno no sentido de dismantelar a solidez de estipulados sistemas filosóficos, o que justificaria cotejá-lo com os horizontes teóricos viabilizados pela Contemporaneidade: “além da negligência, cremos também que Abelardo acreditava que a falta de coragem em seguir o ensinamento cristão também causa culpa.” (TONDINELLI, 2007, p. 99) Um dos desafios encontrados é empreender a ação de incitar o aluno a entender os meandros e as diferenças que encorajam o sistema filosófico perquirido no contexto da aula. Enumerar as dicotomias, identificar possíveis falácias ou argumentos cristalizados são procedimentos que operam como bússolas no intuito de se estudar os textos filosóficos.

Interpelar os alunos constantemente, de forma a impeli-los ao exercício do livre pensar, equilibrar os comentários feitos por eles e aprovisionar exemplos também configuram maneiras de se facultar recursos ao aprendizado e ao acesso ao conhecimento filosófico. “Em verdade, a ideia de sistema traz consigo todos os quesitos do que deva ser um problema: responde a um anseio legítimo e inscreve-se na própria natureza do real” (BORNHEIM, 2009, p. 156).

A FIXAÇÃO

Após as preleções do professor e do debate encetado com os alunos, é fulcral assimilar o conteúdo diligenciado em aula com alguma atividade ou tarefa tendo como meta a fixação dos tópicos esquadrinhados. Em uma primeira ocasião, revela-se essencial produzir a aula acompanhando-a do texto filosófico e da arquitetura do sistema filosófico do autor selecionado para a averiguação. Neste segundo segmento, a escrita de procedência filosófica será exercitada conjuntamente com os alunos. Propor a redação de um pequeno ensaio, como tática de apoderamento do conteúdo, elucida-se como um componente eficaz no que tange à continuidade dos estudos (relacionada ao aluno) e o surgimento de dúvidas que possam emergir no decorrer da aula e para além dos limites da escola.

A Filosofia é um ramo emoldurado pelo signo do rigor, da presciência diante de temáticas que nivelam o indivíduo em toda a sua integridade espiritual. Logo, a redação de textos filosóficos é uma das marcas indelévels do “fazer filosófico”. O senso crítico do aluno pode vir a ser avaliado de maneira pertinaz com a redação de textos de caráter filosófico. Bem como, a realização de perguntas que presumidamente poderão ser respondidas e que suscitarão a perceptividade de outros temas caros à Filosofia. A retomada dos textos filosóficos, como aporte à escrita do ensaio, ou resumo, é uma das formas de rememorar o que foi aprendido na aula anterior e permitir uma expansão do conteúdo ao associá-lo com outros pontos de ancoragem do conhecimento (Geografia, Biologia, Matemática, Antropologia e Psicologia). “É importante que os alunos se deparem com diversas possibilidades de pensar, por isso vamos estudar os textos filosóficos, para que se sintam encorajados a também criarem, livremente” (GALLO; ASPIS, 2009, p. 132).

A título de exemplificação, um texto expondo as distinções primais entre os conceitos de fé e razão, na Filosofia Escolástica, pode angariar indícios do sistema filosófico em evidência. Um exemplo de paradigma filosófico, o conceito de justiça em Anselmo de Aosta que o apregoa a sua intelecção sobre a ética, o que também aproxima-se de sua concepção de pecado, isto é, desejar possuir o que não se possui. A ética de Anselmo de Aosta está

profundamente interligada à ideia do pecado. Ser justo é não pecar, e não pecar pressupõe querer apenas aquilo que está ao alcance de si. A felicidade é uma recompensa, um tributo concernente ao labor justo e oneroso da prática da justiça. Como afirma Nicola Abbagnano (1901-1990), em seu *Dicionário de Filosofia* (1961):

O problema fundamental da Escolástica é levar o homem a compreender a verdade revelada. A Escolástica é o exercício da atividade racional (ou, na prática, o uso de alguma filosofia determinada, neoplatônica ou aristotélica) com vistas ao acesso à verdade religiosa, à sua demonstração ou ao seu esclarecimento nos limites em que isso é possível, aprestando um arsenal defensivo contra a incredulidade e as heresias (ABBAGNANO, 2012 p. 401).

A composição do texto filosófico é caracterizada, também, como um artifício que visa a sensibilizar o aluno quando confrontado com assuntos de ordem visceralmente abstrata. As dificuldades que circundam o processo de criação filosófica precisam ser administradas pelo professor em sala de aula, refletindo-se que a lógica e a sistematicidade da Filosofia resvalam na objetividade, na consciência de problemas que tangenciam a existência humana. Desse modo, sensibilizar, e, simultaneamente, problematizar as concepções da Filosofia Escolástica, com os anseios que transpassam o cotidiano, capacita os alunos a representarem a si mesmos por meio de um ordenamento repleto de oportunidades de consecução de um debate, na condição de fundamentação de uma crítica, e do expediente da fundação do pensar como corolário na constituição de saberes e na formulação de dissensos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Filosofia Medieval Escolástica, especificamente sua primeira modulação histórica, é um dos pontos catalisadores do moderno pensamento filosófico. Distinguir razão e fé, concedendo a cada uma dessas conceptualizações uma organicidade individual, no que tange à produção do conhecimento filosófico, é uma maneira de empreender uma manobra quanto à constituição da Filosofia como uma disciplina centralizada na investigação de conceitos, na pormenorização destes. A análise de conceitos é o processo que assegura a Filosofia sua originalidade e sua exegese em correspondência a sua metodologia de abordagem dos problemas que circunscrevem o mundo e a existência.

Enquanto professor, o estudioso de Filosofia, depara-se com um portentoso desafio no sentido de traduzir o pensamento filosófico, especialmente o de nuance Medieval, a seus alunos, pois presume o domínio dos artefatos teóricos e do *corpus* conceitual vital à consecução do “fazer filosófico” da referida periodicidade. A ideia de disputa, como argumentada pelos

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.416>

ISSN: 2447-0244

escolásticos, é o que perfaz este período da História da Filosofia deflagrando o gládio entre a fé e a razão, assim como a urgência pela secularização nos moldes da Filosofia Moderna. Retomando a sala de aula como a ágora: espaço onde o debate agonístico, da confrontação de ideias e de argumentos, torna-se o ponto nevrálgico do espanto, do compreender e da crítica, atributos os quais perfazem a atuação filosófica.

Retomar a Primeira Escolástica da Filosofia Medieval é um possível meio para a reflexão acerca dos ditames os quais envolvem parte dos estudos filosóficos hodiernos, principalmente no que respeita às atribuições da metafísica: a espinha dorsal da sistemática filosófica medieval. O grande mote da Escolástica Filosófica, respectivamente a sua primeira orientação, é a superposição da dialética em detrimento do mero acalentar dos preceitos que regem a racionalidade supradivina e todas as suas movimentações, porém tomando-a como a um alento à canalização das forças para a busca e a recepção da verdade. O ponto de ancoragem denota-se no dialogismo, na contraposição de proposições teóricas e argumentativas, em que a religião, a partir das lentes do Contemporâneo, também é submetida a auditoria precisa e insopitável, isto é, irreprimida, da acurácia filosófica, do embate de ideias e do propalar da verdade.

SUGESTÕES DE LEITURA

FIGUEIREDO, Vinícius [org.]. **Seis filósofos na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2006.

FIGUEIREDO, Vinícius. **Filósofos na sala de aula, vol. II**. 2. ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2007.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2. ed. rev. Piracicaba/SP: Editora Unimep, 1999.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

OLIVEIRA, Neiva Afonso; Ghiggi, Gomercindo; AZEVEDO, Heloísa Helena Duval de [org.]. **Interfaces: temas de educação e filosofia**. Pelotas/RS: Editora Universitária/UFPel, 2009.

OLIVEIRA, Neiva Afonso; Ghiggi, Gomercindo; AZEVEDO, Heloísa Helena Duval de **Caleidoscópio: temas de educação e filosofia**. Pelotas/RS: Editora e Gráfica/UFPel, 2010.

STRECK, Danilo Romeu; KIELING, José Fernando; HERBERT, Sérgio Pedro; AZEVEDO, Heloísa Helena Duval de Azevedo. **Participação e práticas educativas: a construção coletiva do conhecimento**. São Leopoldo/RS: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução de novos de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ALMEIDA, Milton José de. O triunfo da escolástica, a glória da educação. **Educação e Sociedade**: Campinas, vol. 26, n. 90, p. 17-39. jan.-abr. 2005. Disponível: <https://www.scielo.br/j/es/a/NPPg3gHfyRhKj4ysFJfC9KR/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

BORNHEIM, Gerd A. **Introdução ao filosofar**: o pensamento filosófico em bases existenciais. 3. ed. 1ª reimp. Revisão técnica e prefácio de José Luiz Furtado. São Paulo: Globo, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.

D'OCA, Fernando Rodrigues M. Deontologia e teleologia na moral de Anselmo de Cantuária. **Anais do Congresso Internacional de Filosofia Moral e Política** (Universidade Federal de Pelotas). Pelotas, RS: s/d. Disponível em: <https://cifmp.ufpel.edu.br/anais/2/cdrom/mesas/mesa2/01.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. IV**: as confissões da carne. Organização da compilação por Frédéric Gros. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GALLO, Sílvio; ASPIS, Renata. **Ensinar filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

PEREIRA, Rosalie Helena de S. Averróis e *A república* de Platão. **Veritas** (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Porto Alegre: v. 52, n. 3, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/4676>. Acesso em: 26 jul. 2024.

TONDINELLI, Tiago. **Ética e justiça no pensamento de Pedro Abelardo** (Doutorado em Filosofia - Tese). Porto Alegre: PUC-RS (Tese de Doutorado), 2007, 232p. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2956#preview-link0>. Acesso em: 26 de julho de 2024.